

UMA ONTOLOGIA COMUNICATIVA PARA OBJETOS DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

SEDREZ, Nairana Hoffmann¹; DUARTE, Gabriela Bohlmann²

¹Acadêmica do Curso de Letras – Português/Inglês e Respectivas Literaturas da UFPel; integrante do Projeto de Pesquisa “Línguas estrangeiras e TICs: aprendizagem de línguas e elaboração de materiais na Complexidade e no Caos”, coordenado pelo Prof^o Dr. Rafael Vetromille-Castro;

nairana_sedrez@hotmail.com

²Acadêmica do Curso de Letras – Português/Inglês e Respectivas Literaturas da UFPel; integrante do Projeto de Pesquisa “Línguas estrangeiras e TICs: aprendizagem de línguas e elaboração de materiais na Complexidade e no Caos”, coordenado pelo Prof^o Dr. Rafael Vetromille-Castro;

gabrielabduarte@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Por vivermos em uma sociedade tecnológica, onde o uso das TIC¹ cresce rápida e constantemente, todas nossas ações e relações são atingidas, de modo direto ou indireto, pela tecnologia. Tal fenômeno, embora possa por um lado trazer algumas consequências negativas, como a dúvida qualidade dos materiais encontrados na rede, por outro lado contribui em grande escala com o ensino e aprendizagem, tanto em aulas presenciais quanto à distância.

Dentre as contribuições oferecidas pela tecnologia, os Objetos de Aprendizagem (OA) têm tido destaque na área de ensino de línguas, principalmente de línguas estrangeiras (LE), pois colaboram tanto com docentes quanto com discentes ao apresentar, dentre várias outras, as vantagens de serem facilmente acessados, reutilizáveis e de baixo custo. É devido a essa importância dos OA que trataremos neste trabalho sobre o que são OA e Objetos de Aprendizagem de Línguas (OAL), bem como o que é uma ontologia e porque o grupo de pesquisa “Elaboração de materiais e práticas pedagógicas na aprendizagem de línguas” considera necessário desenvolver uma *ontologia comunicativa* para OAL (MOOR, VETROMILLE-CASTRO, SEDREZ e DUARTE, 2010).

Há várias definições sobre o que é um OA. A definição que, até então, melhor representa as necessidades de CALL² e do CLT³ defende que OA “é qualquer coisa digital com objetivo educacional” (WILEY, 2000; LEFFA, 2006; GIBBONS e NELSON, 2000 e BANNAN-RITLAND, DABBAGH e MURPHY, 2000). Embora essa definição seja satisfatória, nosso grupo de pesquisa concluiu, pela revisão da literatura sobre aprendizagem de línguas – como os princípios do CLT e da Competência Comunicativa (CANALE e SWAIN, 1980; HYMES, 1979) – e pelas críticas existentes aos OA – como a neutralidade teórica (BANNAN-RITLAND, DABBAGH e MURPHY, 2000; LEFFA 2006; CAWS, FRIESEN e BEAUDOIN, 2006) – que havia a necessidade de se pensar em OA direcionados ao ensino de línguas, e por isso propomos o desenvolvimento de OAL.

Os OAL, bem como outros OA, podem ser armazenados em repositórios, para que professores, alunos e demais interessados possam acessar o material. Tal repositório é organizado a partir de uma ontologia (ou taxonomia), ou seja, a

¹ Tecnologias da Informação e da Comunicação.

² Computer-Assisted Language Learning (Aprendizagem de línguas mediada pelo computador).

³ Ensino Comunicativo de Línguas.

partir de um sistema composto por elementos de identificação e organização, chamados de metadados, os quais descrevem as características de cada OA.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O presente trabalho é sustentado metodologicamente pela revisão bibliográfica sobre OA (WILEY, 2000; LEFFA, 2006; GIBBONS e NELSON, 2000; BANNAN-RITLAND, DABBAGH e MURPHY, 2000; CAWS, FRIESEN e BEAUDOIN, 2006), Ontologia (CAWS, FRIESEN e BEAUDOIN, 2006) e Usabilidade de Design e Pedagógica (VETROMILLE-CASTRO, 2003), bem como uma revisão do CLT e da Competência Comunicativa (CANALE e SWAIN, 1980; HYMES, 1979) e pela consequente reflexão acerca das lacunas existentes no que diz respeito à associação de OA e aprendizagem de línguas (LE).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Embora os OA tenham muitas qualidades, quando começaram a ganhar espaço surgiram críticas devido à sua falta de embasamento teórico (BANNAN-RITLAND, DABBAGH e MURPHY, 2000; LEFFA 2006; CAWS, FRIESEN e BEAUDOIN, 2006). Essa lacuna na teoria existe de tal maneira que os OA, em vez de fazerem uso das facilidades provenientes do ambiente digital, se tornam apenas exercícios estruturalistas digitalizados, especialmente quando tratamos da sua aplicação na aprendizagem de LE.

Muitos teóricos enumeram várias características dos OA, porém nosso grupo de pesquisa, com base em Leffa (2006), trabalha com apenas quatro: *granularidade*, a qual faz referência ao tamanho das estruturas internas de um OA, de modo que “quanto menor o objeto (granularidade maior) mais fácil será juntá-lo a outro” (LEFFA, p. 9, 2006); *reusabilidade*, que diz se um OA pode ser utilizado em outro contexto, além daquele para o qual foi desenvolvido; *interoperabilidade*, que é a possibilidade técnica que um OA tem de se juntar a outros⁴; *recuperabilidade*, que se refere a quão facilmente um OA é encontrado pelo usuário no repositório.

O que percebemos em relação aos OA existentes é que seus metadados dão conta de aspectos técnicos e deixam de lado aspectos pedagógicos, não dando o enfoque necessário à aprendizagem.

Para ter metadados pedagógicos, é necessário que se tenha base teórica por trás de cada OAL. Em nossa ótica, os OAL devem seguir os princípios do CLT e de abordagens colaborativas (DILLENBOURG, 1999), dando conta, ainda, da Usabilidade de Design (UD) e Usabilidade Pedagógica (UP), propostas por Vetromille-Castro (2003).

Abaixo segue um exemplo de OAL, no qual podemos perceber que, além da preocupação com a UD, para atrair e motivar o aluno, há, ainda, uma preocupação com a UP, ou seja, com a aprendizagem. Nessa atividade, assim como deve funcionar com os OAL de maneira geral, o aluno é “levado pela mão” e guiado para onde deve seguir, o que deve fazer, em quais estratégias pode encontrar apoio para entender o material mais facilmente, dentre outros recursos

⁴ Através de estudos, nosso grupo de pesquisa concluiu que para se fazer completa, essa definição deve dar conta, também, do aspecto pedagógico dos OA.

pedagógicos. É importante notar, ainda, que há uma noção a ser desenvolvida nesse OAL, a de se apresentar em inglês, seguindo a proposta do CLT.



Figura 01 – OAL desenvolvido com a ferramenta ELO

Porém, para hospedar os OAL precisamos que a ontologia do repositório seja norteada, também, pelos princípios do CLT, dando conta de aspectos técnicos e pedagógicos. Por isso, temos o objetivo de desenvolver uma *ontologia comunicativa* para OAL, visando à constituição do repositório como um ambiente de reflexão para os usuários, em especial para docentes, e que propicie a formação continuada, ao invés de, apenas, armazenar e organizar OAL.

Abaixo apresentamos nossa proposta de *ontologia comunicativa*.

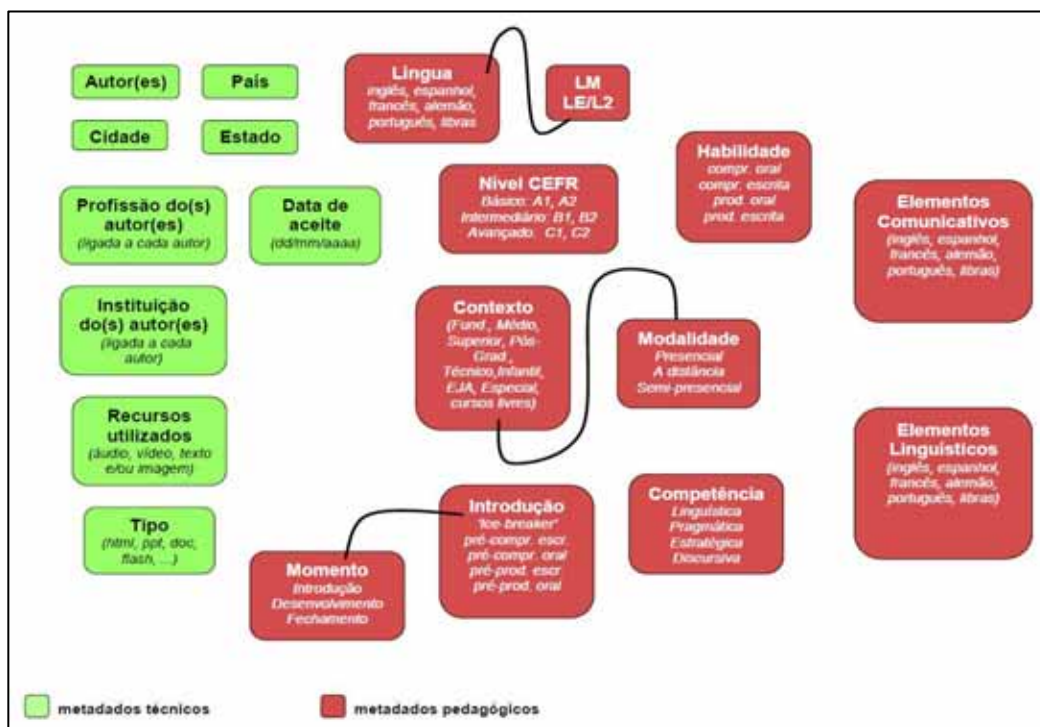


Figura 02: Metadados em uma *ontologia comunicativa*

A ontologia privilegiará não apenas metadados técnicos, mas também metadados pedagógicos dos OAL, os quais passarão pela avaliação de um Corpo Editorial para serem submetidos ao repositório.

Acreditamos que tal ontologia, ao focar aspectos técnicos e pedagógicos, se constitui como uma *ontologia comunicativa*, atendendo aos princípios do CLT.

4 CONCLUSÕES

É imprescindível que haja maior preocupação por parte dos elaboradores de OA em relação à aprendizagem de LE. Muitas vezes os OA são criados apenas com o intuito de incluir alunos no ambiente digital, e a aprendizagem acaba sendo ignorada. A fim de tentar resolver esse problema, nosso grupo de pesquisa propõe o desenvolvimento de OAL, embasados de acordo com os princípios do CLT, e um lugar apropriado para esses OAL, o qual também colabore com os usuários: um repositório organizado a partir de uma *ontologia comunicativa*.

5 REFERÊNCIAS

- BANNAN-RITLAND, B., DABBAGH, N. e MURPHY, K. Learning Object Systems as Constructivist Learning Environments: Related Assumptions, Theories and Applications. In WILEY, D. A. (Org.) **The Instructional Use of Learning Objects: Online Version**, 2000. Disponível em <<http://reusability.org./read/chapters/wiley.doc>>. Acesso em 21 de julho de 2010.
- CANALE, M.; SWAIN, M. Theoretical Bases of Communicative Approaches to Second Language Teaching and Testing. **Applied Linguistics**, 1. p.1-47, 1980.
- CAWS, C., FRIESEN, N. & BEAUDOIN, M. A new learning object repository for language learning: methods and possibles outcomes. **Interdisciplinary Journal of Knowledge and Learning Objects**, vol.2, 2006. pp. 111.124. Disponível em <<http://ijklo.org/>>. Acesso em 21 de julho de 2010.
- DILLENBOURG P. What do you mean by collaborative learning?. In P. Dillenburg (Ed) **Collaborative-learning: Cognitive and Computational Approaches**. (pp.1-19). Oxford: Elsevier, 1999.
- GIBBONS, A.S. e NELSON, J. The Nature and Origin of Instructional Objects. In WILEY, D. A. (Org.) **The Instructional Use of Learning Objects: Online Version**, 2000. Disponível em <<http://reusability.org./read/chapters/wiley.doc>>. Acesso em 21 de julho de 2010.
- HYMES, D. H. On Communicative Competence. In: BRUMFIT, C. J. & JOHNSON, K. **The Communicative Approach to Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1979.
- LEFFA, Vilson J. **Nem tudo que balança cai: Objetos de aprendizagem no ensino de línguas**. Polifonia. Cuiabá, v. 12, n. 2, p. 15-45, 2006.
- MOOR, Anne M.; VETROMILLE-CASTRO, Rafael; SEDREZ, Nairana Hoffmann; DUARTE, Gabriela Bohlmann. **Objetos de aprendizagem de línguas: uma proposta**. [texto em finalização] 2010.
- VETROMILLE-CASTRO, Rafael. A usabilidade e a elaboração de materiais para ensino de inglês mediado por computador. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. V. 3, n. 2, p. 9-23, 2003.